

EDITORIAL

A *Educação em Revista* tem o prazer de publicar o número 2, volume 20 que apresenta ao leitor sete artigos na área da Educação com diferentes enfoques:

Em “A Evasão Escolar nos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia: uma análise dos planos estratégicos de permanência e êxito”, João Oliveira Ramos Neto aborda os altos índices de evasão do ensino profissionalizante, em alguns casos superior a cinquenta por cento. O autor considera frágil e preconceituosa a mais recorrente explicação para a evasão escolar: a dificuldade de aprendizagem dos alunos econômica e socialmente desfavorecidos, egressos das escolas públicas. A seu ver as discussões teóricas são superficiais, generalizantes e colocam em segundo plano a voz dos alunos; já os projetos de superação do fracasso/evasão seriam românticos, mecanicistas e irrealis.

Jannine da Silva Rodrigues e Telma Ferraz Leal discutem em “As Práticas de Letramento de Crianças e Adolescentes da *Biblioteca Comunitária Amigos da Leitura*” as estratégias de formação de leitores utilizadas em uma biblioteca comunitária localizada em um bairro periférico de Recife, PE. Segundo as autoras, cada vez mais estas instituições afirmam-se como alavancas de transformação social, incentivando atividades voluntárias junto à população carente e ações de caráter autônomo e coletivo, pois seu surgimento deve-se à ausência de um atendimento adequado por parte dos poderes públicos. A principal ação identificada foi a de *Mediação de Leitura*, que consiste na participação e envolvimento da população nas ações realizadas pela biblioteca de maneira criativa e prazerosa.

Andréa Ramos de Oliveira, Ana Luzia Videira Parisotto, Rozana Aparecida Lopes Messias apresentam em “Base Nacional Comum Curricular: um olhar sobre a ação docente, sua formação e o ensino de língua materna” uma análise do documento que, segundo elas, prioriza determinados conteúdos em detrimento de outros a fim de conferir unidade à educação brasileira – a base comum. Entendem que a BNCC espelha a política neoliberal em educação pois a mordida do currículo único impede o grito da autonomia.

O interessante artigo de Leila Adriana Baptaglin e Paulo Fernando de Lucena Borges Ferreira “Possibilidades da Formação Superior Indígena a Distância no Instituto Insikiran/UFRR: a língua indígena em foco” defende a criação de Cursos Superiores de Língua Indígena à distância a fim de preservar o patrimônio linguístico e cultural destes povos, lutar contra a segregação e a deterioração das identidades culturais indígenas. O Instituto desloca indígenas de suas comunidades de origem a fim de ofertar cursos

de extensão universitária de Língua Indígena (Macuxi e Wapishana), não havendo um curso de formação de professores a nível de graduação com esta finalidade.

A abolição da escravatura e a Proclamação da República produziram o sentimento de ruptura com uma sociedade tradicional e antiquada; em contrapartida o ensino norte-americano, além das inúmeras novidades advindas da segunda Revolução Industrial, pareciam abrir as portas de entrada da modernidade ao periférico Brasil. A partir deste olhar, Jose Veloso dos Santos e Ana Clara Bortoleto Nery analisam no artigo “Horace Lane, a Comitiva Paulista e a Exposição Internacional de Educação em Saint Louis em 1904” o papel desempenhado pelo diretor da Escola Americana de São Paulo (futuro *Mackenzie College*) na formação da comitativa que vai aos EUA com o objetivo de observar procedimentos metodológicos e de adquirir materiais didáticos a serem introduzidos nas escolas públicas paulistas.

Letícia de Oliveira Castro e Heloisa Raimunda Herneck sustentam no artigo “Formação Continuada de Professoras/es: entre práticas e narrativas” que o processo de formação de professores não se encerra na graduação e perpassa o cotidiano escolar em “redes educativas múltiplas e diversas”. A partir da observação empírica, de entrevistas com um professor de Educação Artística e da reflexões teóricas de autores de vanguarda – tais como Deleuze, Guatari, Varela, Maturana e Kastrup, dentre outros – afirmam que a formação continuada somente resulta em ações de aprendizagem aprofundadas quando os docentes percebem que suas trocas de experiências são potentes ferramentas formativas. Assim, o trabalho cooperativo e a partilha de experiências (em consonância com a cultura escolar) tornam possíveis a formação continuada do coletivo escolar.

No artigo “A Metodologia do Programa *A União faz a Vida*: o protagonismo na primeira infância”, Sergio Vale da Paixão e Raquel Karpinski problematizam a metodologia utilizada em um programa de responsabilidade social de uma cooperativa de crédito que se utiliza da pedagogia ativa, via metodologia de projetos, para fortalecer a formação continuada de educadores nas escolas do Brasil. Mantido pela Fundação Sicredi, há vinte e três anos o projeto impacta o cotidiano de várias escolas e adota metodologias que promovem práticas e vivências de cooperação e de cidadania com as crianças. Mesmo cientes que os bons resultados explicam-se por uma infinidade de variáveis, os autores concluem que essa experiência pode contribuir decisivamente para discussões que envolvem propostas de alteração de metodologias da educação infantil.

Desejamos a todos (as) uma boa leitura!

Emery Marques Gusmão
Ana Clara Bortoleto Nery
Editoras